

Instrução do brasileiro está melhorando, diz IBGE

PESQUISA DE AMOSTRA DE DOMICÍLIOS MOSTRA ANALFABETISMO EM QUEDA E AUMENTO DE BRASILEIROS QUE CONCLUÍRAM O SEGUNDO GRAU

Jô Galazi

O nível de instrução do brasileiro está melhorando, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1993, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa de analfabetismo manteve a tendência de queda, ao recuar de 21,5% para 15,7% das pessoas acima de 10 anos entre 1983 e 1993. Na faixa de 10 a 14 anos, a redução foi de 19,4% para 11,4%. O percentual de brasileiros acima de 10 anos de idade que concluiu pelo menos o segundo grau passou de 10,5% para 14,4% nos 10 anos seguintes a 1983.

Os dados foram apurados pelo IBGE entre 330 mil pessoas em 96 mil domicílios situados em 793 municípios que cobrem todo o País, exceto a área rural da região Norte. As informações detalhadas estão na publicação *Síntese de Indicadores*, lançada ontem. Considerada a mais abrangente fonte de informações sobre a realidade sócio-econômica brasileira e usada por empresas de planejamento, a PNAD aborda aspectos como demografia, educação, migração, trabalho, rendimento, família e habitação.

Uma das técnicas responsáveis pela PNAD, Vandeli dos Santos Guerra, ressalta, no entanto, que as disparidades regionais continuam grandes. O Nordeste, por exemplo, ainda tem as mais altas taxas de analfabetismo: 30,9% das pessoas com 10 anos de idade ou mais e 26,9% das crianças entre 10 e 14 anos. Mesmo assim, houve avanços na região, já que o percentual de analfabetos nas duas faixas diminuiu quase pela metade. Na região Sul, a taxa de analfabetismo entre 10 e 14 anos ficou em 2,1%.

Outra revelação da PNAD é a diminuição da taxa de fecundidade no País, que caiu de 3,40 filhos por mulher em 86 para 2,58 em 93 — uma queda de 24,12% em sete anos. A pesquisa também mostra que a população brasileira continua envelhecendo. Em 10 anos, a população com mais de 60 anos passou de 6,6% para 8,0%, enquanto caiu de 26,5% para 21,7% o número de crianças com menos de 10 anos.

A redução da fecundidade deve-se à melhoria do nível de instrução e ao crescente ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Em 1981, 32,9% das mulheres em idade ativa trabalhavam, taxa que subiu para 39,2% em 1990 e para 42,2% em 1993. A mão-de-obra feminina, não só aumentou como também parece ter mais qualidade que a masculina: enquanto somente 16,3% dos homens ocupados tinham em 93 o segundo grau concluído, na população feminina ocupada esse percentual chegava a 23,2%.